

# **A questão do sentido da vida e da autotranscendência no pensamento de Viktor Frankl**

Gustavo Henrique de Paula Chagas<sup>1</sup>

## **Resumo**

O presente artigo busca discutir sobre a questão relacionada ao sentido da vida, a partir da teoria de Viktor Frankl para compreender os problemas existenciais da contemporaneidade como depressão, suicídio, guerras, violências, processos de despersonalização e desumanização do ser humano. Foram utilizados os autores Freud, Badiou e Bauman para discutir a crise que acompanha a história da humanidade e a literatura de Saramago como alegoria desse estado de crise. Após ser discutida a crise na história da humanidade aprofundou-se no pensamento de Viktor Frankl para compreender a concepção de ser humano e a questão do sentido da vida na sua teoria. Intenta-se aplicar teoria do sentido da vida de Viktor Frankl visando buscar uma superação do profundo estado de crise vivenciado pela sociedade pós-moderna.

**Palavras-chave:** Autotranscendência, Existência, Sentido, Viktor Frankl.

## **Introdução**

Os questionamentos ligados à vida, bem como a necessidade de encontrar um sentido para vida são inerentes ao ser humano. Cada pessoa aspira se conhecer e encontrar o seu lugar no cosmos, na sociedade, na vida. Quando essa vontade de sentido é frustrada pode causar muitos males para a existência. O presente artigo lança questionamentos sobre a origem do profundo estado de sofrimento e crise que a sociedade contemporânea atravessa, assim como, para a possibilidade de superação desse estado. Busca-se discutir a questão do sentido da vida a partir do pensamento filosófico de Viktor Frankl e as contribuições de sua teoria. Após compreender um pouco melhor a crise existencial que o ser humano está mergulhado na modernidade, analisou o quanto a questão do sentido da vida pode ajudar o ser humano a lidar com os seus problemas, males e frustrações.

### **1. Os problemas existenciais: um grito não escutado por um sentido para a vida**

---

<sup>1</sup> Licenciado em Filosofia pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo – e-mail: gustavohp.chagas@gmail.com. O trabalho foi orientado pelo Prof. Dr. Jefferson da Silva/UNISAL.

Os eventos que marcaram a modernidade como as duas grandes guerras, os conflitos armados que vitimaram milhares de pessoas violentando a dignidade de cada ser humano demonstraram que em algum momento a razão humana parece ter falhado. A permanência desses conflitos agravados pela miséria, pela violência, pela fome e pela intolerância aponta que a razão, apesar de todos os avanços que promoveu parece não ter sido capaz de resolver estes problemas. Todo o ideal de progresso da humanidade, de alguma maneira, desembocou em massacres, guerras e violência. O ser humano, a quem foi prometido o progresso, foi violentado, dizimado e reduzido ao nada. A confiança que se tinha na razão foi frustrada e o homem se viu necessitado de fazer um movimento de retorno, de busca e de encontro para tentar compreender em que momento da história, a humanidade perdeu seu caráter profundamente humano e como recuperá-lo.

O reconhecimento do panorama apresentado foi percebido e problematizado na produção cultural e intelectual pós-guerra. Exemplo disso é o escritor português José Saramago, na obra intitulada *Ensaio Sobre a Cegueira*, que constrói o enredo de maneira a evidenciar o estado de cegueira que afeta a (quase) todos da sociedade como uma alegoria ao retorno do primitivismo, dos instintos animais, da redução do que o humano se tem. A imagem de uma cidade grande, as pessoas nas suas rotinas, andando apressadamente de um lado para o outro, fornecem a sensação de que as pessoas já estão cegas. A cegueira nesse caso não é necessariamente a do órgão da visão, ela aparenta ser mais profunda, pois trata da impossibilidade de captar a essência do outro<sup>2</sup>.

Na leitura que Freud faz da sociedade, em sua obra *O Mal-estar na Civilização*, observa que as pessoas estão imersas em um estado de ilusão porque “[...] usam medidas falsas [...] buscam poder, sucesso e riqueza para si mesmas e admiram aqueles que os têm, subestimando os autênticos valores da vida [...]” (FREUD, 2011, p. 7). A constatação de Freud é sintomática: se existe desinteresse por tais valores o que sobra da vida ou para vida? O prazer? A riqueza? O sucesso? O poder? O homem, portanto, encontra-se vulnerável, desprotegido e desamparado à mercê da sorte ou do esforço descomunal na conquista dos valores efêmeros que têm regido a vida. Outro diagnóstico importante revelado por Freud aborda a vida com suas dificuldades e sofrimentos, “A

---

<sup>2</sup> O sinal verde acendeu-se enfim, bruscamente os carros arrancaram, mas logo se notou que não tinham arrancado todos por igual, O primeiro da fila do meio está parado, deve haver ali um problema [...] O novo ajuntamento de peões que está a formar-se nos passeios vê o condutor do automóvel imobilizado a esbracejar por trás do pára-brisas, enquanto os carros buzina frenéticos. (SARAMAGO, p. 5).

vida tal como nos coube, é muito difícil pra nós, traz demasiadas dores, decepções, tarefas insolúveis [...]” (FREUD, 2011, p. 18) leitura essencial, pois purifica os enganos e ilusões advindas de uma visão unilateral da vida, que a idealiza e a entende como se fosse constituída apenas de momentos felizes sem desprazeres e sofrimento.

Em razão da dificuldade que homem encontra na vida, ele tenta buscar alguns auxílios, meios e formas para lidar com essa realidade. Para Freud, o homem faz uso de “paliativos” que são: “[...] poderosas diversões, que nos permitem fazer pouco de nossas misérias, gratificações substitutivas, que a diminuem, e substâncias inebriantes, que nos tornam insensíveis a ela [...]” (FREUD, 2011, p. 18). O homem não enfrenta a vida e, por isso, apenas anestesia, por um breve momento, seus sofrimentos, misérias e angústias.

Existe um culto à cultura do efêmero, uma desconsideração pelos valores autênticos da vida que, por serem desconsiderados, perdem o poder de ser orientadores. O homem fica perdido no mundo, acreditando no poder, dinheiro e sucesso, alimentando-se de ilusões. Sem padrão e parâmetros, o homem é seduzido por um projeto falível de felicidade e para poder fugir do sofrimento busca paliativos para se neutralizar. O homem não sabe lidar com sua pequenez e limitações e todas as conquistas são incapazes de fornecer motivos para ser feliz. Mergulhados em uma frustração pessoal e cultural o homem, na visão freudiana, vive o mal-estar na civilização. Nesse sentido, o homem perde sua capacidade de escolha, perde os valores, perde sua existência, sente-se frustrado, vazio, angustiado. O homem após tantas conquistas sofreu uma regressão, não atingiu sua meta de felicidade e parece carecer de um significado maior para sua vida.

Para o filósofo francês, Alain Badiou o século XX foi notoriamente marcado pelos massacres, violência e crimes:

Crimes do comunismo stalinista e crimes nazistas. No coração do século, há então – Crime que dá a dimensão dos crimes – o extermínio dos judeus da Europa. O século é o século maldito. Para pensá-lo, os parâmetros maiores são os campos de extermínio, as câmaras de gás, os massacres, a tortura, o crime organizado de Estado. (BADIOU, 2007, p. 11).

O que pode ser destacado deste período são os pontos em que a humanidade atingiu o ápice da crueldade. Momentos que atestam que uma parcela significativa da sociedade perdeu a noção de empatia e fechou os olhos para seus semelhantes. A ascensão dos regimes totalitários com sua máquina de extermínio sintetiza o auge da crueldade e, para lembrar Saramago, da cegueira humana. Discursos articulados e bem

construídos convenceram povos e nações de que era possível e legítimo o extermínio de outros povos. Sistemas políticos, ideologias e pensamentos estiveram a serviço da violência, das câmaras de gás e dos campos de concentração.

O problema pode ser agravado quando em meio a tantas incertezas ou cego pelas certezas, intenta-se criar um homem novo. Nos estudos de Badiou é possível perceber que “[...] No fundo, a partir de certo momento, o século foi obcecado pela ideia de mudar o homem, de criar um homem novo.” (BADIOU, 2007, p. 21), tal obsessão revela-se como perigosa, porque a meta de criar um homem novo equivale sempre a eliminar o homem velho. O perigo se manifesta quando o homem torna-se manipulável a ponto de poder ser produzido por um projeto que não considera “[...] em sua realização, a singularidade das vidas humanas – trata-se apenas de um material [...]” (BADIOU, Op. Cit.). O sinuoso caminho do século XX perpassa por essas questões. O desrespeito à vida humana não é um assunto recente, ao contrário, está profundamente marcado na história da humanidade. Em vários momentos, o ser humano teve sua dignidade violentada e reduzida. A desconsideração da vida humana e a banalização da singularidade de cada indivíduo contribuem para o processo de objetificação do homem que agora pode ser compreendido como material, suscitando uma questão profunda: “[...] A questão ontológica maior do século XX que se inicia é: o que é a vida? [...]” (BADIOU, 2007, p. 30).

A partir dos escritos de Alain Badiou, é possível perceber que mesmo diante dos progressos científicos, das produções literárias e filosóficas, dos avanços na tecnologia, saúde e comunicação, o século foi marcado profundamente pelo sangue derramado nas guerras coloniais e mundiais, pelos conflitos entre os limites do universal e do particular, pela ascensão do egoísmo, do individualismo em detrimento das noções de empatia e alteridade. O ideal de um homem novo, no século que tinha pretensão de ser iluminado, foi sustentado pela legitimação da violência e da manipulação do que é genuinamente humano.

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman defende que na contemporaneidade os desejos, vontades e escolhas são orientados pela lógica do consumo, pelas necessidades do mercado. O homem já não possui liberdade, pois as imposições do mercado pesam sobre ele, criando necessidades artificiais que precisam ser satisfeitas, fornecendo uma falsa sensação de liberdade.

Uma dessas questões é a possibilidade de que o que se sente como liberdade não seja de fato liberdade; que as pessoas podem estar satisfeitas com o que

lhes cabe mesmo que o que lhes cabe esteja longe de ser “objetivamente” satisfatório; que, vivendo na escravidão, se sintam livres e, portanto, não experimentem a necessidade de se libertar, e assim percam a chance de se tornar genuinamente livres. (BAUMAN, 2001, p. 27).

O homem da modernidade desconhece a liberdade, é movido por uma necessidade artificial que o condiciona e cria uma falsa sensação de satisfação como se a realidade e as coisas que o circundam fossem o que fato lhe é necessário. Preso em uma gaiola, o ser humano conformado com sua condição e existência, abre mão de se tornar livre. A liquidez da modernidade em detrimento dos sólidos do passado promoveu a dissolução dos valores e de verdades profundamente enraizadas, com isso, ao homem se abriu uma gama de possibilidades de ser e de escolher. O que não pode ser esquecido é que ao homem foi negada a liberdade genuína e que suas escolhas acontecem dentro de um campo programado pelo mercado. O homem conformado não sente necessidade de lidar com infortúnios e surpresas, não tem pretensão de autonomia porque confia cegamente na ilusão de possuí-la. Ao ideal de emancipação se contrapõe a fuga do infortúnio:

[...] “Ser abandonado a seus próprios recursos” anuncia tormentos mentais e agonia da indecisão, enquanto a “responsabilidade sobre os próprios ombros” prenuncia um medo paralisante do risco e do fracasso, sem direito a apelação ou desistência. (BAUMAN, 2007, p. 29).

Percebe-se que existe, no contexto do século XXI, certa carga de ônus sobre o conceito de responsabilidade. O ser humano é incapaz de lidar com sua realidade falível e com seus problemas. Nasce assim, uma sociedade que tem como marca registrada uma postura conformista diante das imposições do mercado, da cultura e com uma falsa ideia de liberdade que oculta um verdadeiro estado de escravidão. Uma sociedade conformada não “[...] reconhece qualquer alternativa para si mesma e, portanto, sente-se absolvida do dever de examinar, demonstrar, justificar [...] a validade de suas suposições tácitas e declaradas.” (BAUMAN, 2001, p. 33), ou seja, abole-se qualquer possibilidade de suspeita, de questionamento e reflexão. O diagnóstico fornecido por Bauman revela que a sociedade vive a era da liquidez, tempos em que o consumo e o desejo são postulados como orientadores da vida. É época em que se deposita o sentido e a razão de viver naquilo que é efêmero e com isso perpetua-se um sentimento profundo de vazio, uma ausência enlouquecedora de um motivo para viver, uma profunda angústia reafirmada pelo sentimento de frustração. Freud, Badiou e Bauman contribuem

para compreensão dos altos índices dos problemas ligados à existência como suicídio e a depressão.

## **2. Da análise existencial à consciência: um chamado para ir além de si mesmo**

Viktor Frankl vivenciou os horrores do campo de concentração, observou a existência humana ser reduzida ao nada e, ao mesmo tempo, com sua vida, deu testemunho de que mesmo nas piores situações, nas situações-limites, a vida não deixa de ter um sentido e que o homem é sempre capaz de transcender a si mesmo. Segundo Frankl, a humanidade sofria com um “[...] sentimento abismal de falta de sentido, que está associado a um sentimento de vazio interior, razão pelo qual tendo a falar de um vazio existencial.” (FRANKL, 2015, p. 9). Depois da leitura de Freud, Badiou, e Bauman, fica-se com sensação de que a humanidade esteve e ainda continua vivendo sob o paradigma da falta de sentido, do vazio existencial. Para o filósofo, “[...] os instintos não dizem ao homem o que ele tem de fazer, e [...] o homem de hoje não tem mais a tradição que lhe diga o que deve fazer [...]” (FRANKL, 2015, p. 11), ou seja, o homem está no mundo sem direção. Em meio à desorientação, ele corre o risco de cair no conformismo ou no totalitarismo que significa, respectivamente: fazer o que os outros fazem e fazer o que os outros querem que ele faça. Para ele, a sociedade só satisfaz as necessidades, mas não o sentimento que origina o vazio existencial (FRANKL, 2015).

Vivemos no ventre de uma *affluent society*, vivemos inundados de estímulos provenientes dos *mass media* e vivemos na era da pílula. Se não quisermos afogar-nos numa torrente de estímulo, e nem perecer numa promiscuidade completa, então devemos aprender a distinguir entre o que é essencial e o que não é, entre o que tem sentido e o que não tem, entre o que é responsável e o que não é. (FRANKL, 2015, p. 26).

É necessário, portanto, que o homem assuma uma postura ativa diante da vida tornando-se responsável pelos seus atos e escolhas.

Mergulhando na teoria do sentido da vida de Viktor Frankl, percebe-se que através da Análise Existencial, desvela-se algo que é tão profundo quanto o inconsciente: “De acordo com a análise existencial, não há apenas uma dinâmica pulsional inconsciente, mas também uma espiritualidade inconsciente.” (FRANKL, 2014, p. 56). Partindo desta dimensão profunda de espiritualidade, a análise existencial tem também o intento de revelar o modo de ser peculiar de cada ser humano. A dimensão espiritual fundamenta o conceito de pessoa, pois cada pessoa abriga em si, no

seu íntimo, o espírito, ou seja, a pessoa só é pessoa porque possui a dimensão espiritual mesmo que, inconscientemente. Assim sendo, a dimensão do espírito é a mais profunda e tem uma dupla designação (existencial-espiritual), porque é dessa dimensão que parte a existência do homem e é de onde nascem os atos espirituais.

O homem, através do seu espírito, pode se colocar acima das imposições do meio. Na medida em que ocorre a libertação das imposições psicofísicas e orgânicas, ele começa a se comportar como homem. Portanto, o homem pode se opor a suas pulsões e fazer resistência aos seus instintos como também é capaz de fazer escolhas e de se posicionar diante dos fatos e experiências da vida e, por possuir o centro espiritual, é capaz de atos espirituais que são genuinamente humanos como a bondade, o amor e o arrependimento.

Viktor Frankl afirma que o caminho da realização humana perpassa pelo mundo. Não por acaso, a dimensão espiritual liberta o homem e promove uma abertura para o mundo. A esse ser aberto ao mundo, Viktor chamará de “ser-aí”. O ser-aí possui uma capacidade originária que o coloca em diálogo com o outro e com o mundo, conforme afirma: “[...] A possibilidade de o ente determinado de maneira espiritual ‘ser junto’ a um outro ente é uma capacidade originária [...]” (FRANKL, 2014, p. 74).

Viktor propõe como uma aspiração natural do ser humano ou do ser espiritual esta abertura ao outro e ao mundo. É no encontro que podemos perceber o ser espiritual. É próprio do ser humano estar aberto ao outro e ao mundo e nessa relação encontra-se a possibilidade de descobrir um sentido em cada situação e realizar uma ação valorativa. A partir do que foi explicitado a respeito da dimensão espiritual e dos conceitos de pessoa, pode-se pensar que, em torno desta filosofia, existe uma ideia de liberdade e responsabilidade que cerca o ser humano: “Em uma meditação geral sobre as bases mais profundas da existência humana obtém, então, a seguinte fórmula antropológica: ser-eu significa ser-consciente e ser-responsável.” (FRANKL, 2014, p. 10).

Viktor Frankl pensa a liberdade como à possibilidade do homem “lançar-se” para além de suas necessidades. Os conceitos de transcendência e liberdade estão intimamente ligados. A capacidade de desprendimento do espírito fornece ao homem a possibilidade de transcender suas necessidades.

Mas o homem enquanto tal está sempre para além das necessidades – ainda que esteja aquém das possibilidades. O homem é essencialmente um ser que transcende as necessidades. Ele só “é”, em verdade, em relação às necessidades, mas em uma relação livre com elas. (FRANKL, 2014, p. 88).

Nem mesmo o mundo, que está em torno da realidade do homem é capaz de defini-lo. O homem que possui uma existência que se realiza no mundo e tem a possibilidade de agir se posicionando diante e no mundo, “o homem decide sobre si mesmo!” (FRANKL, 2014, p. 92). O lugar do homem no mundo se dá através de seu posicionamento diante das pulsões, da hereditariedade e do próprio mundo. Ele é responsável por fazer cessar toda determinação. Faz uso do seu atributo, ou seja, de sua liberdade. Frente às situações impostas pela vida, o homem pode adotar uma posição, uma postura. Ser pessoa coincide com a liberdade, com uma possibilidade de ser. “Esse meu ser pessoa significa liberdade – liberdade para ‘vir a ser’ uma personalidade. Ela é liberdade ante a própria facticidade e liberdade para o vir a ser diverso.” (FRANKL, 2014, p. 96).

O homem tem a possibilidade de se colocar acima de todas as coisas e acima de si mesmo, pode adotar uma postura diante de qualquer situação, tem diante de si, possibilidades de ser. Junto à noção de liberdade, encaminha-se a noção de responsabilidade. O homem é livre e responsável.

A análise existencial aponta para um ser humano que é livre, consciente e responsável. O poder de decisão, de se colocar diante do mundo, das pulsões e da própria vida, seja ela biológica ou sociológica, configura o homem e a sua personalidade. Ao declarar que o homem é livre automaticamente é declarado que ele também é responsável. Existe, portanto, um esforço da análise existencial em conduzir o homem a uma tomada de consciência, uma tentativa de dizer que ele é o único responsável pela sua vida. A consciência do homem sobre sua responsabilidade sustenta toda a sua existência.

Se deixarmos justamente que um homem compreenda da maneira mais profunda possível seu ser-aí como ser responsável, se tornarmos consciente para ele, com isso, a sua responsabilidade como fundamento de sustentação de sua existência, então isso já conterà para ele uma imperatividade incondicionada em relação a uma tomada de posição valorativa, em outras palavras, o homem que se tornou consciente de sua responsabilidade é, de alguma forma, obrigado a avaliar a partir justamente dessa responsabilidade; no entanto, como ele avalia, que ordem hierárquica de valores ele pode, por exemplo, erigir, tudo isso já se subtrai à influencia médica. (FRANKL, 2014, p. 14-15).

A tomada de consciência acerca da responsabilidade, conforme afirma Frankl, daria ao homem um imperativo, ou seja, o homem consciente da sua responsabilidade diante da vida deverá decidir-se por uma posição valorativa. O homem consciente tem sua ação orientada pela responsabilidade, tem ciência que cada escolha, cada decisão,

cada ação é reponsabilidade única e intransponível. A vida, assim sendo, recebe o caráter e o *status* de missão e tarefa única que cada ser humano na sua vivência pode cumprir.

Outro aspecto importante na teoria do sentido da vida é a vontade de sentido. Para Frankl, o homem está sempre em busca de um sentido, e esta “[...] busca do indivíduo por um sentido é a motivação primária em sua vida [...]” (FRANKL, 2016, p. 124). A dimensão espiritual, que é a dimensão verdadeiramente humana, não está ligada a uma busca por prazer ou a uma tentativa de satisfazer os instintos, ao contrário, ela vai além deles. “Por isso podemos afirmar que o homem, como ser essencialmente espiritual, é um ser que tem como motivação primária, o sentido.” (SILVA, 2011, p. 44). Viktor propõe, como dado antropológico, a capacidade humana de orientar-se para fora, seja para realização de um valor ou para uma pessoa. A vontade de sentido está ligada à possibilidade de orientar a própria vida em direção a “alguma coisa” ou “alguém”. O homem, na medida em que é ser-com-os-outros, tenta preencher-se através da busca por sentido e na realização de valores.

Para Frankl, é possível descobrir um sentido em cada situação apresentada pela vida. E somente cada pessoa, cada ser humano, é capaz de encontrar o sentido presente em cada situação, assim sendo, a busca de sentido é pessoal e envolve o ser humano em sua unidade dentro da sua existência.

O ser humano está orientado para fora de si, para descoberta de um sentido que está presente em cada situação vivida, é sempre algo a ser encontrado. Mas o que se deve entender por sentido? A essa questão, Frankl responde: “Sentido é o que se tenciona, seja por uma pessoa que me pergunta algo, seja por uma situação que encerra uma pergunta que clama por respostas.” (FRANKL, 2011, p. 81).

O sentido é algo que o ser humano deseja ou algo para o qual ele “tende a caminhar”. A vida naturalmente fará perguntas ao homem e ele através da sua liberdade e responsabilidade poderá responder a essas perguntas. A busca de sentido, porém, pressupõe a consciência. A consciência é “quem” orienta essa busca. O homem, enquanto ser-aí, consciente e responsável, tem a capacidade de encontrar o sentido.

De fato, na busca pelo sentido, o ser humano é guiado por sua consciência. Essa pode ser definida como a capacidade intuitiva do homem para encontrar o sentido de uma situação, sentido esse que – sendo, sempre, único – não se submete a uma lei geral. (FRANKL, 2011, p. 82).

Para Frankl, pode-se encontrar sentido na vida por meio de três caminhos: o caminho da criação, o caminho da boa ação, o caminho do encontro com outro ser humano e o caminho da atitude e afirmação da vida.

Essa sequência reflete as três principais vias através das quais o ser humano encontra sentido em sua vida. O primeiro grupo se refere ao que o homem dá ao mundo, sob a forma de suas “obras”, de suas criações. O segundo se relaciona ao que o homem recebe do mundo, em termos de encontros e experiências. Por fim, o terceiro diz respeito à atitude que se toma, à postura que se adota diante da vida, quando se é defrontado com um destino que não se pode mudar. É por essa razão que a vida nunca cessa de abrigar um sentido, já que até mesmo uma pessoa que se encontra privada de valores de criação ou de experiência é, ainda, desafiada por um sentido a preencher, isto é, pelo sentido inerente a um modo reto e digno de vivenciar o próprio sofrimento. (FRANKL, 2011, p. 90-91).

Em todas as circunstâncias da vida é possível encontrar o sentido, mesmo em face da dor, do desespero e do sofrimento, o homem tem a chance de ir além de si mesmo, de encontrar um sentido e enfrentar com coragem a situação imposta pela vida. Se o homem não pode encontrar o sentido através de um trabalho de criação ou do encontro amoroso com outro ser humano ou de suas experiências, ele pode encontrar sentido através de sua postura, de sua atitude afirmativa frente ao sofrimento irrefutável, transformando miséria e tragédia em conquista e triunfo.

### **Considerações Finais**

Ao longo da construção deste artigo, buscou-se discutir os problemas ligados à existência: seus desdobramentos e possibilidades de superação. Para o escritor português Saramago, a sociedade vive um estado de cegueira, perda do caráter profundamente humano que coincide com a miséria material e espiritual. Em sua literatura no período do pós-guerra ele afirma que a cegueira espiritual tem origem quando o ser humano deixa de olhar para si mesmo, banaliza a vida e, com isso, viola sua dignidade. Tal atmosfera propicia o surgimento da angústia e do vazio existencial que são problemas existenciais presentes no século XX e XXI.

Na visão freudiana, a sociedade vive um estado de ilusão, inversão de valores e acredita em um projeto falível de felicidade. O homem é incapaz de se delimitar, de confrontar sua existência e problemas, busca paliativos que diminuem a aspereza da vida frustrando-se. Para Freud o ser humano sofre por conta da sua prepotência frente à natureza, sua fragilidade e finitude e pela insuficiência das normas por ele criadas.

Segue em conflito consigo mesmo e com os outros, vive sob o efeito da frustração pessoal e cultural.

Badiou denuncia o ápice da crueldade nos crimes dos regimes totalitários e adverte sobre os problemas que podem acontecer quando interesses políticos são orientados por interesses econômicos promovendo a perda do lado mais humano de cada pessoa e potencializando a violação da dignidade humana. Outro aspecto que evidencia tal violação é o ideal de produção de um homem novo, transformando o homem em material manipulável levantando suspeita sobre o que é a vida, questão central do século XX. Esse período, na visão do autor, foi marcado pelo paradigma da guerra, desaparecimento da empatia, resistência à alteridade, interiorização e apropriação, um profundo estado de indiferença em relação ao outro.

Para o sociólogo Bauman, a modernidade é a época da liquidez, dos derretimentos dos sólidos, das relações sociais desprotegidas e descamadas, frágeis às investidas do mercado, incapacitadas de resistir à lógica do consumo. O ser humano nessa era desconhece a liberdade, perde-se no caminho da autonomia, tem uma visão pessimista da responsabilidade e cede à sedução do mercado, consumindo possibilidades não duradouras de ser. O vazio existencial é ocupado pela compulsão do consumo que aliado ao desejo orientam a vida na pós-modernidade.

Os autores estudados, em suas respectivas áreas, afirmam que existe uma crise que acompanha a história da humanidade. O sentimento de frustração existencial, de vazio interior, o ambiente de constante violação da dignidade humana, de resistência à alteridade acompanha o ser humano e os progressos obtidos durante sua história parecem ser insuficientes para fornecer um motivo sólido para sua existência. Vive-se um profundo estado de crise existencial.

Em meio a esse panorama, a teoria de Viktor Frankl contribui para a reflexão e possibilidade de superação. Na visão antropológica e filosófica do autor, o ser humano possui uma dimensão espiritual que é inalienável, impossível de ser controlada ou manipulada por outrem, um domínio de profunda liberdade, capaz de resistir a todas as adversidades da vida.

A dimensão espiritual que configura o caráter de pessoa para cada ser humano permite que toda pessoa faça uma escolha diante de qualquer situação da vida. É no domínio espiritual de profunda liberdade que o ser humano transcende a si mesmo e o meio em que vive, dito de outra forma, o ser humano pode ir além de si mesmo, além de toda situação, seja ela boa ou ruim. A pessoa, ao sair de si mesmo, não precisa se

determinar ou se fechar, porque ela é livre e responsável, assim sendo, passível de definir-se e redefinir-se até o final de sua vida.

Neste sentido, Viktor Frankl compreende que o ser humano não é apenas um ser movido por seus instintos e regido pelo inconsciente. O ser humano é também livre, apto a fazer escolhas e a intuir um sentido para a própria vida. Nesse processo de busca de sentido, transcendendo a si mesmo e indo ao encontro do outro, o ser humano reconhece a si mesmo. É natural do ser humano, por possuir a dimensão espiritual, a capacidade de autotranscendência.

A consciência ativa que convida a transcendência oferece ao ser humano consciente a compreensão de que ele é o único responsável pela sua vida. É através dela e da noção de liberdade e responsabilidade que alguns dos prisioneiros dos campos de concentração, entre eles, Viktor Frankl, puderam resistir aos horrores e a constante violação de dignidade, porque possuíam a noção de que existia uma liberdade última que possibilitava, mesmo nas situações mais extremas, o ser humano fazer escolhas.

O ser humano vive hoje novas formas de violação da dignidade, novos campos de extermínios e problemas existenciais ligados à tristeza, à falta de sentido, ao sofrimento, a depressão e ao suicídio. Aliado a esses problemas, surge a lógica do mercado e do consumo oferecendo ao ser humano que anseia por algo sólido, consistente, o que é efêmero e passageiro. A busca de sentido surge como possibilidade de superação desses problemas porque permite que cada pessoa resista a toda violação, enfrente o sofrimento e a tristeza com coragem, encontre um sentido para vida mesmo diante do trágico como a depressão e o suicídio e saiba encontrar o que é essencial.

Viktor Frankl e sua teoria sobre o sentido da vida, conhecida como logoterapia, oferecem às pessoas a possibilidade de lidar com seus traumas, frustrações, medos e desesperos. Mostram ao ser humano que a vida possui um sentido e que é sempre possível fazer uma escolha. Embora sua filosofia seja orientada para a prática e para a vivência foi buscando fundamentos filosófico-antropológicos, que Viktor Frankl encontrou a dimensão espiritual, humanizou a psicologia e se esforçou para devolver ao ser humano sua humanidade e dignidade. Ofereceu à humanidade possibilidades de superação das imposições e pressões exercidas pela sociedade, pela pessoa mesma, pelo Estado ou religião. Viktor Frankl quis que seus companheiros dos campos de concentração tornassem conscientes da responsabilidade que tinham sobre suas vidas e, com isso, mostrou a humanidade que é possível acreditar no humano e nas suas

potencialidades e que é sempre possível recomeçar porque o ser humano é um ser aberto ao mundo.

Assim sendo, o ser humano tem a necessidade de encontrar um sentido para sua vida, uma razão para viver. Essa dimensão possibilita ao ser humano consciente e responsável assumir uma posição diante da vida, definir-se e redefinir-se, fazer escolhas.

### **Referências Bibliográficas**

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 1ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Edição Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BADIOU, Alain. **O Século**. 1ª Edição. São Paulo: Ideias & Letras, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FRANKL, Viktor E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. 39ª Edição. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2016.

\_\_\_\_\_. **A presença ignorada de Deus**. 16ª Edição. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2015.

\_\_\_\_\_. **A Vontade de Sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia**. 1ª Edição. São Paulo: Paulus, 2011.

\_\_\_\_\_. **Las raíces de la Logoterapia: Escritos juveniles 1923-1942**, Buenos Aires: San Pablo, 2005.

\_\_\_\_\_. **Logoterapia e Análise Existencial: texto de seis décadas**. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

\_\_\_\_\_. **O que não está escrito nos meus livros: memórias**. 1ª Edição. São Paulo: É Realizações, 2010.

\_\_\_\_\_. **O Sofrimento de uma Vida sem Sentido: caminhar para encontrar a razão de viver**. 1ª Edição. São Paulo: É Realizações, 2015.

\_\_\_\_\_. **Psicoterapia y Existencialismo: escritos selectos sobre logoterapia**. 2ª Edição. Espanha: Herder, 2001.

\_\_\_\_\_. **Teoria e Terapia das Neuroses: introdução à logoterapia e a análise existencial**. 1ª Edição. São Paulo: É Realizações, 2016.

\_\_\_\_\_. **Um sentido para a vida:** psicoterapia e humanismo. 20ª Edição. São Paulo: Ideia e Letras, 2016.

FREUD, Sigmund. **O Mal estar na civilização.** 1ª Edição. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

HERRERA, Luiz G. P. **Viktor Frankl:** Comunicación y Resistencia. 1ª Edição. Buenos Aires: San Pablo, 2007.

MANDRIONI, Hector D. **Introducción a la Filosofía.** Edição. Kapeluz, 1964.

PETER, Ricardo. **Viktor Frankl:** A Antropologia como Terapia. 1ª Edição, 4ª reimpressão. São Paulo: Paulus, 2015.

SARAMAGO, Jose. **Ensaio Sobre a Cegueira.** Formato PDF. Disponível em: <<https://docs.google.com/file/d/0BxgqoVhThgkqdXIHjR1A0ZWc/edit>>. Acesso em: 09/06/2017.

SCHELLER, Max. **A Situação do Homem no Cosmos.** 1ª Edição. Lisboa: Texto e Grafia, Ltda, 2008.

SILVA, Jefferson da. **Narrativa e Sentido da Vida:** Uma aproximação entre Viktor Frankl e Paul Ricoeur. 2011. 123 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2011.